



## O uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação: discursos de professores e gestores de uma escola pública de Fortaleza, Ceará

Dr. Marcus Henrique Linhares Ponte Filho

### Resumo

Este artigo é produto da Tese de Doutorado do autor, que investigou o que professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I pensam (e fazem) acerca do uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC's no contexto educacional. A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Fortaleza, Ceará, e os dados coletados consistem em discussões realizadas em grupos focais, com docentes e gestores da instituição. As análises foram feitas a partir de referenciais teóricos da Educomunicação, campo de pesquisa em expansão no Brasil, que defende a ideia de que educar deve, necessariamente, ser um ato democrático e participativo. Verificou-se a prevalência, entre os educadores, de um discurso de temor e controle sobre o uso das TIC's na escola, através da promoção de uma utilização centralizadora e autoritária das TIC's durante as aulas.

**Keyword:** TIC's; Educomunicação; Professores; Discurso.

**Published Date:** 8/5/2020

**Page.541-550**

**Vol 8 No 08**

**DOI:** <https://doi.org/10.31686/ijer.vol8.issX.2560>

## Information and Communication Technologies in Education: speeches by teachers and managers of a public school in Fortaleza, Ceara State

**Dr. Marcus Henrique Linhares Ponte Filho**

Professor of Institute of Educational Formation, at Federal University of Cariri – UFCA.

E-mail: [marcus.henrique@ufca.edu.br](mailto:marcus.henrique@ufca.edu.br)

Brejo Santo, Ceara – Brazil.

### Abstract

*This article is a product of the author's PhD Thesis, which investigated what teachers in the early years of elementary school think (and do) about the use of Information and Communication Technologies - ICT in the educational context. The research was conducted in a public school in the city of Fortaleza, Ceara State, and the data collected consists of discussions held in focus groups, with teachers and managers of the institution. The analyses were made from theoretical references of Educommunication, a field of research in expansion in Brazil, which defends the idea that educating must necessarily be a democratic and participatory act. The prevalence among educators of a discourse of fear and control over the use of ICT in school was verified through the promotion of a centralizing and authoritarian use of ICT during classes.*

**Keywords:** ICT; Educommunication; Teachers; Speech.

### 1. INTRODUÇÃO

A interação mantida entre a escola (enquanto instituição educacional) e as Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC's, é uma relação que parece ser estabelecida entre princípios contraditórios: se por um lado temos um discurso aparentemente otimista e favorável ao uso das TIC's no contexto educacional, por outro lado essa utilização ainda parece despertar temores acerca do impacto dessas ferramentas (como o computador e a televisão), que parecem estar distantes dos métodos de ensino comumente adotados nas escolas (NAPOLITANO, 2007).

Algumas tecnologias, como a televisão e o celular, parecem despertar temores ainda maiores, sendo acusadas de incentivarem posturas alienantes, ideológicas e inadequada aos princípios escolares. Isso, por si só, faz com que a presença das tecnologias em sala de aula deva ser interpretada como algo “especial” ou “diferente”, de forma que seu uso deva ser feito de maneira absolutamente controlada e centralizada na figura do professor (PONTE FILHO, 2010).

Para a Educomunicação (campo de pesquisa em crescimento no País), o uso das tecnologias em

contexto educacional não representa necessariamente um problema: o que importa verdadeiramente é a qualidade da comunicação mantida entre educadores e educandos durante a utilização das ferramentas tecnológicas. Dessa forma, o “como se utiliza” é mais importante do que “o que se utiliza”, pois os processos educativos devem ser dialógicos, comunicativos e abertos à reflexões e questionamentos por parte dos discentes (SOARES, 2011).

Neste artigo, apresentamos resultados da pesquisa de doutorado feita pelo autor junto a educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública da capital cearense. Os dados apresentados foram obtidos a partir de discussões realizadas em grupos focais realizados junto aos participantes do estudo que tiveram como objetivo descobrir o que professores e gestores pensavam sobre o uso das TIC's no contexto educacional e como se dava o uso dessas ferramentas.

Pôde-se perceber que a utilização das tecnologias pareceu sempre seguir uma filosofia de apreensão ou desconfiança por parte dos educadores, e a presença das tecnologias nas aulas era sempre feita de forma unilateral, sem participação dos alunos na construção das atividades realizadas e com uma abordagem, até certo ponto, mecânica das TIC's.

Ao longo do texto, iremos apresentar exemplos dos discursos dos educadores a respeito da utilização de tecnologias em suas aulas, procurando analisar seus posicionamentos à luz de conceitos educacionais. A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará, estando registrada sob o número 1.456.208. A participação de professores e gestores foi mantida sob sigilo, e todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios, com função meramente ilustrativa no texto.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A RELAÇÃO ENTRE AS TECNOLOGIAS E O AMBIENTE ESCOLAR, A PARTIR DO VIÉS DA EDUCOMUNICAÇÃO**

A Educomunicação é uma área de pesquisa em expansão no País que não possui um conceito delimitado. Apesar de seu objetivo de atuação ser claro (aprimorar a qualidade dos processos comunicativos mantidos na educação), a Educomunicação aborda diversos objetos de estudo, como o uso de tecnologias nos processos educacionais, a educação midiática visando a interpretação crítica das tecnologias, e até a produção midiática autoral por parte de alunos e professores.

A Educomunicação (ou “Educom”, como também é conhecida entre muitos pesquisadores da

área) não é um campo de estudo inédito, muitos estudiosos da América Latina já se debruçaram sobre as relações entre Comunicação e Educação, enfatizando diferentes aspectos das relações mantidas entre esses dois campos do saber.

Citelli (2011) nos diz que há várias formas de se encarar o estudo das relações entre os meios de comunicação e a educação formal: para ele, há uma forma essencialmente epistemológica de se pensar a Educomunicação, fazendo estudos acerca dos “[...] desencontros e tensões, entre os processos comunicacionais e a educação” (CITELLI, 2011, p. 59). Além disso, é possível também dar foco a outras questões abordadas nas relações entre Comunicação e Educação, como:

[...] as relações *media*-escola, a alfabetização para a comunicação, a leitura crítica dos meios e os estatutos que animam as relações ensino-aprendizagem promovidas, agora, por novos dispositivos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação. (CITELLI, 2011, p. 59-60.)

As relações entre as tecnologias e o campo da educação têm sido investigadas intensamente na América Latina desde os anos 90, gerando pesquisas com nomenclaturas diferentes para objetos de estudos muitas vezes semelhantes. Desta forma, temos um leque imenso de pesquisas que abordam as relações mantidas entre tecnologias, educação e o ser humano, tais como os estudos sobre a Educomunicação como um campo de mediações (SOARES, 2011); as investigações sobre o impacto cultural das novas tecnologias sobre o ser humano (MARTIN-BARBERO, 2011); os estudos de recepção para a crítica dos meios de comunicação (FÍGARO, 2011); e as propostas de criação de uma “pedagogia da comunicação” (PENTEADO, 2001; OROZCO-GÓMEZ, 2011). Temos aqui um campo semântico vasto, e guardadas as devidas diferenças de abordagem entre cada autor citado, temos basicamente um mesmo campo de estudo.

Educomunicar é acima de tudo dar espaço e autonomia para os educandos construírem seu conhecimento através de ações dinâmicas e descentralizadas (KAPLUN, 2014). Essa autonomia dada aos alunos pode ser feita com ou sem participação direta de tecnologias nos processos educacionais; porém, se utilizados, os recursos tecnológicos devem servir como propulsores da comunicação mantida entre professores e alunos, e não como ferramenta de empobrecimento do diálogo, algo que contraria os princípios da esperança e da valorização do aluno como ser detentor de opiniões e de direitos (FREIRE, 2014).

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 OS GRUPOS FOCAIS REALIZADOS COM OS EDUCADORES**

Procurou-se compreender o que professores e gestores dos anos iniciais do Ensino Fundamental pensavam a respeito do uso de tecnologias em sala de aula. Para isso, observou-se as aulas dos professores durante um período de 3 meses. Além disso, foram realizados grupos focais com os participantes do estudo. Ao longo das reuniões dos grupos focais, discutimos textos ligados ao campo da Educomunicação e fizemos entrevistas grupais como forma de verificar o que os educadores tinham a dizer sobre a presença das TIC's na sua escola.

Os grupos focais constituem-se basicamente em grupos de discussões sobre determinado tema, onde o pesquisador, apesar de estar atuando como um entrevistador, porta-se mais como um mediador de um diálogo em grupo do que como um interventor unilateral. De acordo com Guedes (2003), o grupo focal permite ao pesquisador adotar uma postura menos intrusiva, a partir do instante em que porta-se como mediador, procurando deixar os entrevistados mais livres e tranquilos, sem se sentirem pressionados a declarar nada que acreditem ser necessário ao pesquisador.

É importante deixar claro que os grupos focais não tiveram a intenção, inicialmente, de funcionar como uma formação continuada para os participantes da pesquisa: a intenção era fornecer elementos (através de materiais simples como textos e vídeos usados nos encontros) que pudessem ampliar o leque de argumentos dos participantes a respeito do objeto de discussão dos grupos focais (o uso de tecnologias na educação). Todavia, percebemos ao longo da realização dos grupos focais que as atividades ali realizadas foram interpretadas pelos participantes da pesquisa como uma espécie de “formação continuada” ou uma “mini-formação pedagógica”. De certa forma, essa surpresa que os participantes da pesquisa nos proporcionaram confirma o pensamento de que a formação docente nem sempre é feita de maneira intencional ou planejada, mas acima de tudo “a formação é também um processo de desenvolvimento humano, e, portanto, profissional” (ALVARADO-PRADA, 2010, p. 370).

## 4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

### 4.1 A PRESENÇA DAS TIC'S NA ESCOLA: DA PROIBIÇÃO AO USO INSTRUMENTAL

Ao longo desse estudo, percebeu-se que entre professores e gestores predominava um discurso de aparente aprovação ao uso das TIC's. Todavia, esse “reconhecimento de importância” que era dado às tecnologias, era acompanhado de uma utilização extremamente delimitada pela gestão da escola, que direcionava a forma (e as circunstâncias) em que cada ferramenta tecnológica poderia ser usada nas aulas dos professores.

O uso das TIC's no processo de ensino era tratado como algo unilateral: tratava-se de um processo executado pelos professores e vistoriado pelos gestores, caracterizando uma prática docente profundamente enraizada no conceito de planejamento pedagógico, que é visto como critério de segurança didática (LUCKESI, 2011).

A falta de liberdade para utilizar recursos tecnológicos em suas aulas expressava-se no discurso dos participantes da pesquisa em um constante sentimento de “tolhimento”: por vezes verificamos uma indignação ou mesmo impotência nas declarações dos docentes frente aos posicionamentos demonstrados pela gestão da escola. Essa indignação também gerava uma ideia a respeito de como os professores achavam que as tecnologias deveriam ser utilizadas em sala de aula.

Segundo Martin-Barbero (2014), as escolas manifestam sua desconfiança em relação ao uso de tecnologias, na forma de controle: ao controlar a presença das TIC's em seu espaço, a escola parece partir do raciocínio de que para usar essas ferramentas não é necessário ter conhecimentos prévios ou mesmo aprender algo específico (o que sugere um ócio). Dessa forma, não seria apropriado usar computadores ou televisores constantemente no contexto escolar, visto que isso representaria uma ameaça aos ideais pedagógicos defendidos pela escola, dentre eles a ideia de que um dos deveres escolares é justamente o de combater o ócio e a falta de atividades para ocupar o tempo (trabalho escolar). Assim, o uso contínuo das TIC's em âmbito escolar faria com que a escola perdesse sua função de educar, pois do contrário, “[...] a escola – que ensina a ler – não teria nada o que fazer” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 50).

Verificamos um uso essencialmente instrumental das tecnologias por parte dos professores da escola em questão: além da presença das TIC's ser vigiada nas aulas dos professores, sua utilização se deu de duas formas: ou como ferramenta lúdica ou como ferramenta de abordagem dos conteúdos trabalhados no livro didático.

A utilização das TIC's como ferramenta lúdica ocorreu numa aula de recreação de uma

participante do estudo (Professora Betsy). As aulas de recreação da escola eram momentos em que as professoras regentes de cada turma tinham liberdade para propor atividades que julgassem lúdicas para as crianças, não tendo necessariamente que seguir o currículo dos conteúdos pedagógicos nas aulas das demais disciplinas (matemática, português, ciências, história e geografia).

Na aula de recreação que observamos, os alunos foram acomodados pela Professora e foi feita a exibição do filme de animação “A dama e o vagabundo”, da empresa americana *Disney*. Acompanhamos a exibição do desenho animado, e a professora também assistiu ao filme. Durante a exibição do desenho, a professora queixou-se do fato de ser difícil reservar a biblioteca para sua turma, pois a escola não tinha uma sala de vídeos e a exibição de vídeos era feita na biblioteca ou na sala de aula de cada professor (desde que cada docente se responsabilizasse por levar o material de exibição até sua sala).

A professora Betsy também ressaltou que a gestão da escola não aprovava a utilização da televisão nas aulas e não media esforços para barrar essa utilização por parte dos professores. Ainda segundo ela, utilizar vídeos durante as aulas era encarado pela gestão da instituição como sinal de “cansaço” ou “preguiça”, já que a gestão da instituição achava que docentes devem ministrar aulas e não simplesmente exibir vídeos, afirmou a Professora.

O fato do uso de tecnologias ser considerado algo “preguiçoso” por parte dos docentes que as utilizam, é explicado por Gauthier (2014, p. 133), quando afirma que o pensamento pedagógico moderno se resume a “como ensinar grupos de crianças, durante um período contínuo, em um local dado e fazendo de modo que elas aprendam mais, mais depressa e melhor”. A escola, enquanto instituição educacional tem pressa: pressa em ensinar e em colher os resultados desse ensino. E nessa ótica, a utilização da TV parece ser vista como algo contrário a esse princípio, ou na melhor das hipóteses como algo que atrasa o ensino, justamente por “barrá-lo”, já que segundo a professora Betsy, usar a televisão era sinônimo de “enrolar aula” para a gestão da instituição.

Curiosamente, ao longo de nossas observações também percebemos que o uso das TIC’s na escola pública retratada nem sempre parecia ser visto de forma perniciosa, em algumas oportunidades as tecnologias podiam “salvar” a ausência não-justificada de professores, conforme a declaração abaixo, dada por outra participante da pesquisa:

**Professora Mary:** “Como eu te falei, no Fundamental II quando acontece de faltar professor, a gestão tem uma regra aí que é uma lei que vem “lá de cima”, que não pode liberar o aluno por nada. Então, o que acontece? Aquele professor quando falta, aquela turma ela vai pra biblioteca. Passa-se um filme. Aí, a coordenadora da escola ou alguma pessoa vai lá, fica acompanhando essa

turma, mas com o vídeo. Então a prioridade era pra essas turmas que estavam sem professor”.

**Pesquisador:** “Então, quando um professor falta, a turma vai pra biblioteca pra não ser liberada”?

**Professora Mary:** “Isso”.

**Pesquisador:** “E ela assiste um vídeo”?

**Professora Mari:** “Um filme”.

**Pesquisador:** “Mas esse filme é daquela disciplina do professor que faltou”?

**Professora Mari:** “Não é não. Isso aí a coordenação já tem uns filmes selecionados, eu não sei quais, porque não tive acesso, ela tem aí alguns filmes e ela passa pros alunos esses filmes”.

(Entrevista coletiva, 2º Grupo Focal – Professora Mary).

A professora Mary deixa claro que a preocupação maior da gestão escolar era a ocupação do espaço da instituição por parte dos alunos durante o período letivo: a escola (enquanto instituição educacional) tem metas a serem cumpridas (número de matrículas e índices de aprovação) que resultam diretamente no volume de investimentos que será destinado à própria instituição por parte do Governo. Para que essas metas sejam alcançadas, utiliza-se o discurso do chamado “aproveitamento do tempo”: é melhor ter uma criança dentro da escola (mesmo que não esteja assistindo aula) que fora dela, onde estaria sujeita aos perigos da sociedade, e para manter os alunos dentro da escola numa eventual ausência de professores, a escola utilizava qualquer estratégia, até mesmo usar recursos (no caso, as tecnologias) criticados pela própria escola!

Para Saviani (2013), a ânsia dos gestores escolares por resultados quantitativos é um “[...] neotecnicismo, onde o controle decisivo desloca-se do processo para os resultados”. Isso faz com que “pela avaliação dos resultados se busque garantir a eficiência e a produtividade” (SAVIANI, 2013, p. 439).

Percebemos que a utilização feita da televisão dentro da escola estudada foi uma utilização que podia ganhar qualquer natureza: lúdica, ilustrativa ou instrumental. Tudo dependia do contexto, usava-se a TV para remediar qualquer situação de ausência ou ineficiência do sistema escolar, como a falta de atividades pedagógicas dentro do horário letivo formal, mas não se usava as tecnologias a partir do princípio de que elas poderiam ser abordadas como ferramentas integradoras do processo educacional, proporcionando ações coletivizadas através da participação conjunta de educadores e educandos na produção de conteúdo.

Para Soares (2011, p. 17-19), a Educomunicação trabalha a partir de três pressupostos básicos: 1º) construir um diálogo entre o campo da comunicação e as instituições de ensino, partindo da ideia de que “[...] a educação só é possível enquanto ação comunicativa”; 2º) se apresentar ao público como um



campo de interfaces, justamente pelo fato de que o ato de ensinar é um ato de comunicar algo, o que faz com que as duas áreas (educação e comunicação) permitam, uma diante da outra, construir “[...] juízos de valor e indicadores de avaliação, permitindo que cada qual se distinga e se afirme socialmente”; e 3º) propor a ação da Educomunicação no sistema de ensino, tanto no âmbito da gestão escolar, quanto no âmbito disciplinar (dos conteúdos) e transdisciplinar (na proposta de atividades envolvendo os meios de comunicação e as tecnologias digitais).

Pensar a aplicação da Educomunicação (ou de seus princípios) não parecia ser uma tarefa simples para os docentes que observamos na escola pública de Fortaleza. Os educadores não pareciam estar adaptados a um diálogo mais intenso com as tecnologias, televisão e computador pareciam “objetos estranhos” aos professores, e uma abordagem educacional às tecnologias lhes soavam como algo quase inaplicável.

Segundo Penteado (2001), uma das formas de se tentar iniciar a abordagem da Educomunicação nas escolas pode ser justamente a reflexão inicial sobre a própria prática docente, através de uma “autorreflexão” (que exigiria um exercício de humildade por parte dos educadores). O conceito defendido por Penteado sobre o que seria essa “autorreflexão” reside no fato de que lidar com as tecnologias exige um reconhecimento de que essas ferramentas já são utilizadas pelos professores em suas aulas, e esse uso nem sempre pode ser classificado como algo democrático, tendo em vista que os alunos dificilmente participam do processo de construção do conhecimento que é abordado em sala. A humildade recomendada nessa autorreflexão consistiria, assim, no reconhecimento de que poderia ser possível uma reeducação a respeito do uso das tecnologias em sala de aula através da geração de uma nova pedagogia, a chamada “pedagogia da comunicação”, onde o professor precisaria “se rever diante do outro-seu aluno” (PENTEADO, 2001, p. 23).

Em conversa com a Diretora da instituição, entendemos melhor qual era sua percepção sobre o uso das TIC's em sua escola. Na ocasião perguntamos à gestora o que ela achava do corpo docente da instituição exibir programas dos canais abertos de TV:

**Pesquisador:** “Se algum professor da escola chegasse pra trabalhar com vídeo e usasse a televisão na aula dele, e escolhesse passar um programa de canais de TV abertos como Globo, SBT ou Record, um vídeo, documentário, episódio de novela, enfim, alguma coisa da TV aberta. O que você acharia?”

**Diretora:** “Contanto que fosse para ensinar alguma coisa. Assim, que aquilo tivesse uma funcionalidade. Por que eu estou exibindo um filme? Pra ensinar isso. Pra fazer o aluno refletir sobre isso. Entendeu?”

(Entrevista coletiva, 3ª Grupo Focal – Diretora da escola).

Para a diretora da escola, a televisão tinha a função de enriquecer a transmissão do conteúdo que estava sendo trabalhado em sala de aula. Para ela, a mídia podia ser utilizada “contanto que tivesse uma funcionalidade”; e a funcionalidade era justamente essa: ilustrar algo “maior” que a própria tecnologia, e prioritário à escola: o livro didático.

Vemos que o planejamento pedagógico tem, na visão da Diretora, grande importância para a ação docente, essa é uma preocupação válida, uma vez que o planejamento é parte primordial da ação docente e nenhuma ação pedagógica pode ser desenvolvida sem ter sido devidamente planejada, o que obviamente inclui o uso de recursos tecnológicos. Porém, devemos ressaltar o fato de que da forma como nos foi apresentado por professores e gestores, o planejamento pedagógico parecia ser interpretado como uma salvação da prática docente através de técnicas para obtenção de resultados a curto prazo, não importando a que preço (LUCKESI, 2011).

A escola é um ambiente que funciona à base de metas, com objetivos previamente definidos, onde os profissionais envolvidos (Professores, Coordenadores, Diretores) agem procurando moldar posturas, comportamentos e convicções dos educandos a partir dos valores propagados pelo sistema educacional vigente (LUCKESI, 2011). Assim, o ato de se usar tecnologias também deve obedecer a essa tradição pedagógica, uma vez que esse saber-fazer codificado atinge não só os conteúdos a ensinar, mas também todos os aspectos da vida da classe (TARDIFF, 2010). Isso porém, termina estereotipando a função das tecnologias, que ao serem utilizadas de forma delimitada e controlada nas escolas passam a servir como verdadeiros instrumentos de manutenção de uma ordem pedagógica alheia a elas mesmas, já que

[...] os meios de comunicação entram como instrumentos de ação pedagógica, mas não como parte fundamental do próprio ser pedagógico, como meios que instauram novas dimensões do processo de expressão de mediações sociais significativas. O rádio ou a TV são utilizados como meios instrumentais de divulgação de uma proposta teórica anterior, onde o próprio meio é esquecido, a não ser pelo seu caráter multiplicador e pela sua eficácia. (MORAN, 2001, p. 39)

#### **4.2. EDUCOM NA ESCOLA: IDEALIZAÇÃO OU FALTA DE ESPERANÇA?**

Quando falamos de uma abordagem mais democrática das tecnologias da informação e da comunicação e de um uso mais participativo dessas, estamos nos referindo à aplicação de conceitos

educativos, não apenas de forma solitária e individual, mas como processo coletivo, político e participativo, oferecendo uma formação pensada em múltiplas dimensões, “colocando a comunicação a serviço da solidariedade, da transversalidade, da interdisciplinaridade e da cidadania” (SOARES, 2011, p. 58).

Na verdade, a questão não diz respeito a usar ou não usar as TIC's nas escolas, mas sim como fazer desse uso algo menos direcionado, já que é necessário que essa abertura às novas tecnologias “[...] respeite a missão educativa da escola e o desenvolvimento do aluno, e não caprichos da sociedade ou questões econômicas” (KARSENTI, 2010, p. 340).

O intenso choque de interesses entre os professores e a gestão da escola que visitamos em Fortaleza, no que concerne ao uso das tecnologias nas aulas, pareceu levar os docentes entrevistados a uma espécie de esgotamento mental. Esse esgotamento, por vezes, assemelhava-se a um desânimo; por outras, assemelhava-se a uma visão romantizada da Educomunicação. O diálogo a seguir (realizado com os professores) apresenta essa idealização em torno do que significa a Educomunicação e do que ela precisava para ser efetivada nas escolas. Na ocasião, foi indagado aos professores participantes da pesquisa, o que eles achavam que era necessário para a Educomunicação ser implementada na escola:

**Professora Betsy:** “Assim ó: a gente tá colocando muito a visão de 3 professores. Mas na própria escola a gente sabe que ia ter também...”

**Professor Newton:** “Resistência”! (Interrompe a fala da Professora).

**Professora Betsy:** “A resistência... têm professores...a gente sente até assim ó: tu trouxe o projeto né, pediu ajuda pra gente pra fazer esse trabalho com a Educomunicação, o que ficou? Três professores. Nós somos quantos? Então existe uma resistência. Pra que chegue a Educomunicação a gente tem que ser preparado, sabe? Tem que ser preparado todo, a gente tira até pela realidade da escola que a gente trabalha (outra escola) que tem computação: tudo que tu falou aí... a gente não tem essa sala pra filmagem, mas a gente tem computadores que filmam, e tem resistência de professores, tem professores que não utilizam. A gente tem computadores em sala e existem professores que não utilizam, e ainda tão lá na lousa escrevendo... acredita nisso? Então...”

(Entrevista coletiva, 3º Grupo focal - Professora Betsy e Professor Newton).

A questão da formação docente foi diretamente abordada pela Professora Betsy em suas declarações. Para esta, mesmo que a escola tivesse uma infraestrutura ideal (salas de informática bem equipadas, aparelhos de TV suficientes para utilização por parte de todo o corpo docente, etc.) a aplicação da Educomunicação ainda enfrentaria sérias dificuldades na instituição por conta da resistência demonstrada pelos próprios docentes em utilizar as tecnologias. Nesse caso, percebemos que a Professora

Betsy atrelou a aplicação da Educom ao domínio das TIC's, quando na verdade a filosofia educacional propõe mais uma mudança de viés pedagógico do que um domínio técnico do uso de aparatos tecnológicos (OROZCO-GOMEZ, 2011). Ainda assim, a Professora Betsy fez questão de exemplificar o fato de que poucos professores da escola participaram da pesquisa, alegando que havia uma resistência (ou desagrado) dos docentes da instituição com tudo que fosse ligado ao uso de tecnologias.

Para a Professora Betsy, aplicar a Educomunicação na escola da capital cearense era uma ação que exigiria necessariamente aprofundar uma formação continuada sobre esse tema, já que a docente ressaltou que não bastava equipar a instituição com aparelhos de última geração, já que em suas palavras “pra que chegue a Educomunicação a gente tem que ser preparado”. Este raciocínio demonstrado pela docente nos remete à questão de que a aplicação da Educom requer realmente uma formação pedagógica que capacite os docentes a aplicá-la de forma diferenciada, de maneiras costumeiramente não democráticas pelas quais as TIC's já são utilizadas em sala de aula (SOARES, 2011); e pelas palavras de Betsy, a mesma não se sente preparada para aplicar nem a Educomunicação nem qualquer conceito de caráter educacional que esteja relacionado ao uso de tecnologias em sala de aula. Seria então preciso uma formação contínua sobre Educomunicação, que não fosse oferecida somente como solução provisória em caráter extraordinário, mas sim como algo “permanente ou durante toda a vida [...] entendendo-se em princípio que a formação destes profissionais não para com uma titulação e que é necessário atualizar-se para exercer a profissão” (ALVARADO-PRADA, 2010, p. 376).

O combate discursivo a que os professores da escola estudada eram submetidos (estando em choque com os interesses da gestão da instituição), aparentemente lhes desgastava e tirava a esperança de um futuro melhor, gerando um discurso pessimista, conformado e melancólico. A falta de esperança no futuro ou na melhora de algo que se considera errado é um duro golpe sobre o ser humano, que em algumas ocasiões o faz até mesmo abrir mão de pensar o futuro, provando que “a desproblematização do futuro [...] é uma violenta ruptura com a natureza humana” (FREIRE, 2014, p. 71). Temos aqui um discurso que manifesta os extremos da situação levantada: se de um lado os professores da escola criticavam a falta de visão da gestão de sua instituição a respeito do uso das tecnologias, por outro lado eles mesmos (professores) pareciam enxergar a Educomunicação como uma “salvação pedagógica”.

É válido destacar que não havia nenhuma “salvação” disponível para a prática pedagógica dos professores de Fortaleza, porque a atividade desses professores não tinha nada a ser “salvo”. Pensar assim é admitir que havia algo de errado com as experiências pedagógicas dos docentes que participaram do

estudo, e o objetivo da pesquisa não era “salvar” a realidade dos educadores, mas entender essa realidade a partir de seus próprios discursos. Dessa forma, havia sim muita coisa a ser refletida (mas não salva).

O ceticismo manifestado nas declarações dos participantes da pesquisa na escola nos mostra que há uma incômoda falta de esperança nos docentes a respeito de melhoras que possam ocorrer na escola, seja em sua estrutura física, seja em sua natureza pedagógica. Se para alguns docentes a implementação da Educomunicação era tido quase como um “sonho” nas discussões realizadas nos Grupos Focais, como poderíamos encarar a “realidade” dos professores daquela instituição?

De toda forma, os lamentos demonstrados pelos participantes desse estudo não deixam de caracterizar algo lamentável (do ponto de vista freireano), uma vez que é importante que todo professor tenha esperança em sua prática docente e nas melhorias que o futuro pode trazer, pois sem esperança “[...] não haveria história, mas puro determinismo”. (FREIRE, 2014, p. 70).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um tempo repleto de estereótipos que tendem a simplificar e empobrecer a essência dos conceitos nos quais aprofundamos nossas reflexões. Nessa “onda de preconceção”, a educação e seus profissionais se encontram cercados de pensamentos reducionistas ou mesmo redundantes no que se refere ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC’s nos processos educacionais.

Fala-se muito da importância do uso das novas tecnologias em sala de aula, da necessidade de repensar os métodos pedagógicos, da importância de tornar as aulas “atrativas”; porém, mesmo com a oferta de aparatos tecnológicos, a qualidade da aprendizagem dos alunos e da comunicação mantida entre docentes e discentes ainda parece ser uma incógnita guiada à base de metas quantitativas e planejamentos rígidos.

A visão melancólica demonstrada pelos professores participantes do estudo, a respeito do uso das tecnologias em suas aulas, apesar de sincera, não deixou de ser algo estereotipado: ao mesmo tempo em que os participantes se revelavam indignados e insatisfeitos com o controle que era exercido pela gestão da escola a respeito do uso das TIC’s, os professores também demonstraram ideias tecnicistas a respeito do uso das próprias tecnologias, fazendo uma abordagem mecânica e pouco democrática das ferramentas tecnológicas.

Ainda percebemos uma distância entre a prática docente e a Educomunicação (enquanto campo pedagógico e de pesquisa). A escola ainda encara a presença das tecnologias em suas dependências com

discórdia e certa severidade; essa desconfiança se dá pelo fato das TIC's chamarem para si muitas obrigações que a escola considera exclusivamente da própria.

Ressalta-se que nessa eventual “guerra ideológica”, a instituição escolar só tende a perder, uma vez que a ação das TIC's se estende para além dos muros escolares. Nesse caso, caberia à própria escola rever seus posicionamentos ideológicos e defensivos frente às TIC's: como o uso dessas tecnologias poderia ser feito de uma forma não tecnicista? Como os recursos tecnológicos poderiam ser encarados como algo a mais do que uma ferramenta de “retransmissão de conteúdos”? O que fazer para não apresentar o computador e a TV como “inimigos da educação”? Esses são os questionamentos que precisam ser feitos sobre a relação entre as TIC's e a educação.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Carmo Souza. **Pro dia nascer feliz: imagens da educação brasileira.** In: CITELLI, Adilson (org.). *Imagens do professor na mídia.* São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. In: **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba-PR, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010.
- KAPLUN, Mario. **Uma pedagogia da comunicação.** In: APARICI, Roberto (org). *Educomunicação: para além do 2.0.* São Paulo: Paulinas, 2014.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI, Adilson Odair & COSTA, Maria Cristina Castilho. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.* São Paulo: Paulinas, 2011.
- MORAN, José Manuel. **Leitura dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast editora. 2001.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula.** 7ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.
- OROZCO-GOMEZ, Guillermo. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI.** In: CITELLI, Adilson Odair. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimentos.* São Paulo: Paulinas, 2011.

PENTEADO, Heloísa. **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TARDIF, Maurice; GAUTHIER, Clermont. A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. In: KARSENTII, Thierry. **As tecnologias da informação e da comunicação na pedagogia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.